Oeiras
Marca o ritmo

LIVROS PROIBIDOS

CICLO DE CONVERSAS

21 MAI
2014

História Universal da Infâmia,
de Jorge Luís Borges

GUIÃO DE **LEITURA**

Divisão de Bibliotecas, Documentação e Informação
Auditório da Biblioteca Municipal de Oeiras

INTRODUÇÃO

No âmbito do protocolo de colaboração entre a UCCLA (União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa) e a UCCI (Union de ciudades capitales iberomarecinas) assinado a 7 de maio do corrente mês, foi acordado que as cidades assinalariam no dia 21 do corrente mês de maio, quarta-feira, o «Dia Mundial da Diversidade Cultural para o Diálogo e o Desenvolvimento», com ações que promovem a aproximação entre os povos e as cidades de língua portuguesa e de língua espanhola. Assim, a Câmara Municipal de Oeiras (cidade Membro Associado da UCCLA), através das Bibliotecas Municipais de Oeiras, associa-se a esta iniciativa e promove um conjunto de atividades que procuram fortalecer e aprofundar as relações entre as cidades de língua oficial portuguesa e as cidades ibero-americanas, em benefício de ambas.

Em Maio o projeto *Livros Proibidos* convoca um dos maiores vultos da cultura literária mundial: Jorge Luís Borges. A obra em análise é, justamente, *História Universal da Infâmia*, um livro sobretudo polémico, mas também com episódios de censura. Desde logo em Portugal, figura numa lista de 900 livros censurados pela polícia política do Estado Novo, elaborada por José Brandão e publicada pelo Expresso em 2012.

Jorge Luís Borges escreveu este conjunto de contos/relatos/biografias na sua juventude entre 1933 e 1934, dando a conhecer a história de figuras reais que foram autênticos criminosos, assassinos e vigaristas ao longo dos tempos. Nascido em Buenos Aires, foi criado no Bairro de Palermo, *num jardim e numa biblioteca de ilimitados livros ingleses*. Borges pertence ao grupo de escritores que desde tenra idade tiveram a certeza de que os seus destinos iam ser literários. Borges, para quem a vida é um assombro contínuo, *uma contínua bifurcação do labirinto*, não só é um grande poeta, um *fazedor* e um verdadeiro mestre do conto, mas também um dos mais argutos e originais, ensaístas do nosso tempo, sem esquecer a sua atividade de tradutor e antologista.

De realçar ainda a ascendência portuguesa do escritor, cujo bisavô, Francisco, terá nascido em Portugal em 1770, havendo no poema de Borges – Los Borges – a referência a essa ligação, a diáspora portuguesa e as suas gentes.

Los Borges

Nada o muy poco sé de mis mayores
portugueses, los Borges: vaga gente
que prosigue en mi carne, oscuramente,
sus hábitos, rigores y temores.
Tenues como si nunca hubieran sido
y ajenos a los trámites del arte,
indescifrablemente forman parte
del tiempo, de la tierra y del olvido.
Mejor así. Cumplida la faena,
son Portugal, son la famosa gente
que forzó las murallas del Oriente
y se dio al mar y al otro mar de arena.
Son el rey que en el místico desierto
se perdió y el que jura que no ha muerto.

[in El Hacedor, 1960]

A voz do autor pela mão do escritor Pedro Mexia.

NOTA BIOGRÁFICA SOBRE O CONFERENCISTA

Pedro de Magalhães Mexia Bigotte Chorão nasceu em 1972 é um poeta, cronista e crítico literário português. Licenciado em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade Católica Portuguesa. Foi crítico e cronista no *Diário de Notícias* (1998-2007) e no *Público* (2007-2011). Escreve atualmente no Expresso. É colaborador da revista LER.

Foi subdiretor e diretor interino da Cinemateca Portuguesa (2008-2010). Tem colaborado regularmente em projetos as Produções Fictícias (*É a Cultura, Estúpido*, *O Eixo do Mal*, na SIC Notícias, suplemento *O Inimigo Público*, *Canal Q*). É um dos membros do Governo Sombra (na TSF, desde 2008 e também na TVI24, desde 2012), apresentado por Carlos Vaz Marques e com Ricardo Araújo Pereira e João Miguel Tavares.

Publicou seis livros de poemas: *Duplo Império* (1999), *Em Memória* (2000), *Avalanche* (2001), *Eliot e Outras Observações* (2003), *Vida Oculta* (2004), *Senhor Fantasma* (2007). Em 2011, saiu *Menos por Menos – Poemas Escolhidos*. Coordena a coleção de poesia das Edições Tinta-da-China. Editou cinco coletâneas e crónicas, Primeira Pessoa (2006), Nada de Melancolia (2008), As Vidas dos Outros (2010), O Mundo dos Vivos (2012) e Cinemateca (2013).

Manteve os blogues *A Coluna Infame* (com João Pereira Coutinho e Pedro Lomba), 2002-2003; *Dicionário do Diabo*, 2003-2004; *Fora do Mundo* (com Francisco José Viegas e Pedro Lomba), 2004-2005; *Estado Civil*, 2005-2009; *Lei Seca*, 2009-2012 e *Malparado*, desde 2012. Desses blogues nasceram três volumes de diários: Fora do Mundo (2004), Prova de Vida (2007) e Estado Civil (2009).

Está representado nas antologias *366 Poemas que Falam de Amor* (2003), organização Vasco Graça Moura; *Antologia do Humor Português* (2008), organização Nuno Artur Silva e Inês Fonseca Santos; *Poemas Portugueses – Antologia da Poesia Portuguesa do séc. XIII ao séc. XXI* (2009), organização Jorge Reis Sá e Rui Lage; *Alma Minha Gentil: Antologia general de la poesia portuguesa* (Espanha, 2009), organização Carlos Clementson; *Poemas com Cinema* (2010), organização Joana Matos Frias, Luís Miguel Queirós e Rosa Maria Martelo; Em Lisboa, *Sobre o Mar* (2013), organização Ana Isabel Queiroz, Luís Maia Varela e Maria Luísa Costa; *Lisbonne: Histoire, promenades, anthologie et dictionnaire*, organização Luísa Braz de Oliveira (coleção Bouquins, Robert Laffont, 2013).

Organizou e prefaciou o volume de ensaios de Agustina Bessa-Luís *Contemplação Carinhosa da Angústia*. Traduziu *Notas sobre o Cinematógrafo*, do cineasta francês Robert Bresson. Publicou uma versão de uma peça de Tom Stoppard (*Agora a Sério*).

Escreveu a letra de uma canção, Lixo, do álbum Equilíbrio (2010), de Balla. Colaborou com dois projetos de peças curtas: Urgências (Teatro Maria Matos, 2004 e 2006) e Panos (Culturgest, 2012). Adaptou para teatro (com Ricardo Araújo Pereira), Como Fazer Coisas com Palavras, do filósofo britânico John Austin (Teatro São Luiz, 2008). Publicou a peça Nada de Dois (2009, encenada no Brasil em 2010 e no Canadá em 2011) e escreveu Pigmalião, a partir de Ovídio (teatro Oficina, Guimarães, 2010). Encenou Agora a Sério, de Tom Stoppard (Teatro Aberto, 2010), No Campo, de Martin Crimp (Teatro Turim, 2013) e O Lago Constança, adaptação de um romance de Benjamin Constant (Cinema São Jorge, 2014).

Escreveu o argumento do telefilme *Bloqueio* (realização de Henrique Oliveira, RTP, 2012).

Obras disponíveis na Rede das Bibliotecas Municipais de Oeiras

MEXIA, Pedro – *Poesia reunida*. Org. PEDREIRA, Mária do Rosário. Lisboa: Quetzal, 2012. 257 p.
Local: Biblioteca Municipal de Oeiras
Cota: POE POE-POR MEX

MEXIA, Pedro – *Menos por Menos*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2011. 120 p.
Local: Biblioteca Municipal de Oeiras
Cota: POE POE-POR MEX

MEXIA, Pedro – *Estado Civil*. Lisboa: Tinta-da-China, 2009. 447 p.
Local: Biblioteca Municipal de Algés e Oeiras
Cota: OUT GEN OUT-GEN-POR MEX

MEXIA, Pedro – *Dicionário de cinema para snobs*. Lisboa: Tinta-da-China, 2009. 142 p.
Local: Biblioteca Municipal de Algés
Cota: ART-ESP CIN KAM

MEXIA, Pedro – *Nada de Melancolia*. Lisboa: Tinta-da-China, 2008. 220 p.
Local: Biblioteca Municipal de Carnaxide
Cota: OUT-GEN OUT-GEN-POR MEX

MEXIA, Pedro – *Senhor Fantasma*. Porto, Oceanos, 2007. 89 p.
Local: Biblioteca Municipal de Carnaxide
Cota: POE POE-POR MEX

MEXIA, Pedro – *Prova de Vida*. Lisboa: Tinta-da-China, 2007. 367 p.
Local: Biblioteca Municipal de Algés
Cota: OUT-GEN OUT-GEN-POR MEX

MEXIA, Pedro – *Fora do Mundo*. Lisboa: Cotovia, 2004. 264 p.
Local: Biblioteca Municipal de Carnaxide
Cota: OUT-GEN OUT-GEN-POR MEX

MEXIA, Pedro – *Eliot e outras Observações*. Lisboa: Gótica, 2003. 141 p.
Local: Biblioteca Municipal de Oeiras
Cota: POE POE-POR MEX

MEXIA, Pedro – *Eliot e outras Observações*. Lisboa: Gótica, 2003. 141 p.
Local: Biblioteca Municipal de Oeiras
Cota: POE POE-POR MEX

MEXIA, Pedro – *Notas sobre o cinematógrafo*. Porto: Elementos Sudoeste, 2002. 142 p.
Local: Biblioteca Municipal de Carnaxide e Oeiras
Cota: ART-ESP CIN BRE

MEXIA, Pedro – *Avalanche*. Vila Nova de Famalicão: Quasi, 2001. 75 p.
Local: Biblioteca Municipal de Algés
Cota: POE POE-POR MEX

MEXIA, Pedro – *Em Memória*. Lisboa: Gótica, 2000. 108 p.
Local: Biblioteca Municipal de Oeiras
Cota: POE POE-POR MEX

MEXIA, Pedro – *Duplo Imperfeito*. Lisboa: Gótica, 2000. 108 p.
Local: Biblioteca Municipal de Oeiras
Cota: POE POE-POR MEX

Colaborações:

LUÍS, Agustina Bessa. *Contemplação Carinhosa da Angústia*. Org. e pref. MEXIA, Pedro. Lisboa: Guimarães, 2000. 365 p.
Local: Biblioteca Municipal de Algés, Carnaxide e Oeiras
Cota: OUT-GEN OUT-GEN-POR LUI

NOTA BIOGRÁFICA SOBRE O MODERADOR

Ricardo Costa nasceu em Lisboa em 1968. Filho do grande escritor e poeta Orlando da Costa. É um jornalista e comentador que dispensa apresentações. Frequentou a licenciatura em Ciências da Comunicação da Universidade Nova de Lisboa. Atual Diretor do Semanário Expresso desde 2011. Anteriormente foi diretor da televisão SIC Notícias, estação onde continua a apresentar, juntamente com Nicolau Santos, *Expresso da Meia-Noite*, um dos programas mais prestigiados e com mais audiência daquela estação televisiva.

Recentemente, em 2013, publicou *Portugal – Manual de Instruções***,** pela Livros d' Hoje. Este Manual de Instruções indica três dúzias de ideias, defeitos, hábitos e manias políticas que ajudaram a bloquear um país inteiro. Não é um manual para encontrar culpados nem para fazer contas, mas serve para perceber como alguns acasos e outras tantas teimosias nos levaram a um beco sem saída, do qual só podemos sair com um conjunto de alterações muito sérias, nos discursos e nas práticas de eleitores e eleitos. Os 36 textos que compõem o livro são quase todos originais. É ainda autor e prefaciador de outras obras.

Exerce ainda atividade como comentador, sendo convidado como orador em inúmeros programas e iniciativas.

Obras disponíveis na Rede das Bibliotecas Municipais de Oeiras

COSTA, Ricardo; CARREIRA, Medina - *O dever da verdade*. pref. LEITE, Manuela Ferreira. Lisboa: Dom Quixote, 2007. 135 p.
Local: Biblioteca Municipal de Carnaxide
Cota: PEN-POL POL CAR

Colaborações:

CAMACHO, Paulo - *Debaixo de fogo*. pref. COSTA, Ricardo. Alfragide: Oficina do Livro, 2012. 269 p.
Local: Biblioteca Municipal de Oeiras
Cota: PEN-POL POL-INT CAM

NOTA BIOGRÁFICA SOBRE O AUTOR
Jorge Luís Borges (1899 – 1986)
O Bibliotecário cego…

Poucas coisas me aconteceram, apesar de muitas coisas ter lido…
BORGES, Jorge Luís, Poemas

Jorge Luís Borges nasceu a 24 de Agosto de 1889 na casa da avó materna, na baixa de Buenos Aires. É uma das figuras cimeiras da literatura do século XX e é inegável a sua influência e contaminação sobre a arte da narrativa posterior. Toda a ficção do pós-guerra, de que a título de exemplo podemos citar nomes de *gigantes* como Gabriel García Márquez (falecido recentemente), Ítalo Calvino ou Umberto Eco, entre outros, devem muito da sua maturação literária a este homem enigmático e que poderíamos dizer ilegível.

Foi escritor, jornalista, editor, bibliotecário, anti peronista, professor, agitador político, panfletário e, sobretudo, um inventor de histórias fantásticas. Borges jamais escreveu um romance e publicou durante toda a sua vida, que foi longa, uma quantidade considerável de poesia e de prosa. É difícil, senão mesmo impossível, traçar um retrato deste homem autoapagado, com uma vida vulgar e aborrecida e com muitas limitações físicas, das quais a mais conhecida é o seu problema de visão que sempre o acompanhou. Detestava espelhos, o seu próprio corpo e a sua própria identidade. Uma guerra interior que foi travada no centro da sua produção literária, num jogo permanente de máscaras e de labirintos. A escrita era, por isso, o território onde todos os espectros se soltavam.

O nosso escritor passaria grande parte da sua juventude na Europa. A sua família fixar-se-ia em Genebra, na Suíça em 1914 onde permaneceram até 1919 e onde conclui os seus estudos, viajando depois para Madrid, em Espanha. Uma vivência cujas influências se revelariam inequivocamente na sua obra. Regressou à Argentina em 1921 onde participa na efervescente vida cultural da cidade e começou a publicar poemas de inspiração surrealista. O seu primeiro livro de poemas foi editado no início da década de 20 e intitulava-se *Fervor de Buenos Aires* (1923). Um primeiro testemunho do seu amor pela Argentina e da sua condição de apátrida tanto na sua terra natal como no interior de si-mesmo. Um caminho difícil que trilhou de muitas formas. Um desses caminhos passará pelos seus amigos literários. Desde logo, pela famosa colaboração que manteve na Revista *Sur*, em 1931, de Victória Ocampo que abriu a sua

primeira edição com um ensaio de Borges. Na verdade, foi através de Victoria Ocampo que Borges conheceu os seus mais duradouros amigos literários. Adolfo Bioy Casares (1914-1999), que era 15 anos mais novo e vinha de uma abastada família proprietária de terras, era atraente, mulherengo e escrevia romances, servindo de complemento ao embaraço, timidez e incapacidade de Borges para escrever ficção longa. Em 1940, Bioy casara com a flamejante poeta e pintora Silvina Ocampo (1903-1993), a mais nova das irmãs, com Borges como sua testemunha. Era um casamento peculiar e literário, pois ambos se envolviam em aventuras amorosas, com total liberdade.

Na verdade, os anos 30 correspondem a um período sombrio na vida de Borges, em que a leitura e a crítica o ocupam praticamente a tempo inteiro. Em 1933 torna-se coeditor, juntamente, com o seu amigo Ulyses Petit de Murat, do suplemento literário de *Crítica*, chamada *Revista multicolor de los sábados*, onde não só publicou notas, comentários e recensões críticas, a maior parte dos famosos relatos ou biografias que viriam, mais tarde, a constituir o livro *História Universal da Infâmia*, um exercício de prosa narrativa em grande parte lúdico, como ele próprio afirmava.

O jogo irresponsável de um tímido que não ousou escrever contos e se distraiu a falsear e tergiversar (sem justificação estética algumas vezes) histórias alheias. [1]

Um claro sintoma do grande leitor que era, preenchendo o tempo doméstico, desmaiado e sem sobressaltos que constituía a sua vida. Era apaixonado por literatura e pelo saber em geral. Adorava ler enciclopédias e mapas. Gostava de filosofia e ética. Tinha uma grande erudição. Leu poucos romances, à exceção de Voltaire, Stevenson, Conrad e o nosso Eça de Queirós. Também gostava de contos, o que se compreende quando se conhece seu percurso literário.

Estas *histórias barrocas* de 1935, como o próprio Borges as apelida e desconsidera, foram recolhidas algumas de consultas bibliográficas que fez, mas algumas são mesmo inventadas. A mais paradigmática será, porventura, *O Homem da Esquina Rosada*, que retrata a vida de bandidos locais e que levou seis anos a escrever, numa busca incansável da frase e da voz exata. Uma ironia que confirma o quão contraditório e imprevisível poderia ser Borges nas suas afirmações. Publica estas primeiras histórias (sete no total) entre Agosto 1933 e Janeiro

[1] BORGES, Jorge Luís – *História Universal da Infâmia*. In prólogo da edição de 1954. Alfragide: Leya, SA, 2009. p.7

de 1934 neste Suplemento. Esta primeira história como outras que lhe seguiram, como *O Assassino Desinteressado Bill Haragan*, referência ao lendário *Billy the Kid*, falavam de verdadeiros homens de ação, miseráveis e infames, mas com vidas tão cheias como ele considerava que a sua era vazia.

Contudo, duas das suas obras mais conhecidas e paradigmáticas surgiriam mais tarde com *O Aleph* (1943), considerada uma das maiores obras literárias de sempre e *As Ficções* (1944). Aliás estas duas obras nascem justamente após um dos episódios marcantes da sua vida e que determinariam, inevitavelmente, a direção do seu olhar literário: a progressiva perda da visão.

Uma das suas marcas pessoais que viria a ser incontornável foi a *miopia*, herança paterna, e depois uma cegueira progressiva. O próprio Borges viria a ser submetido a seis intervenções cirúrgicas, na tentativa de lhe salvar a visão. Borges como *míope* determinou-o como leitor e como escritor. Leu intensamente o mundo e os livros sempre *ao perto* porque *ao longe* era vago.

Talvez essa característica tenha determinado o modo labiríntico como se via a si mesmo, um *minotauro* fechado sobre si próprio, só e imóvel, ansiando ser descoberto e morto por Teseu. Tentou, aliás, algumas vezes o suicídio. Existem muitos Borges e ele não gostava da sua identidade, tinha uma aversão a si-mesmo que tentava exorcizar pela palavra, pela história inventada. Esse *eu literário* que o projetou mundialmente e que espantou escritores e pensadores de renome no mundo inteiro era uma criação, uma ficção muito diferente do Borges de carne e osso.

A ameaça de cegueira materializou-se num acidente ironicamente provocado pela sua fraca visão e que quase provocou a sua morte, em 1938. Este acontecimento sombrio representa também um ponto de viragem na sua escrita: de poeta e crítico passou à prosa povoada de fábulas e históricas fantásticas que o tornariam mundialmente famoso. Foi justamente essa ameaça de perda de visão sempre latente que tornou *a memória* lugar de todos os seus acontecimentos literários, fazendo com que se possa falar do homem e do escritor antes e depois da cegueira.

Apesar de ser um autor consagrado nunca recebeu o Nobel (tal como Nabokov ou Joyce), e partilhou o prémio Formentor, em 1961, com Samuel Beckett. Uma condição estranha para

este escritor que viveu sobretudo com os *olhos da mente e da imaginação* e que é um dos autores canónicos das enciclopédias e histórias da literatura.

Jorge Luís Borges foi também pobre, a maior parte da sua vida, e só começou a ganhar dinheiro com conferências que ia fazendo. Curiosamente o seu primeiro emprego a tempo inteiro foi numa Biblioteca Municipal com o nome de um escritor do século XIX Miguel Cané, onde esteve de meados de 1937 a Agosto de 1946. Nas suas próprias palavras e apesar de na altura já ser razoavelmente popular, era totalmente desconhecido na casa onde trabalhava, a casa da memória, o que atesta da sua postura silenciosa e apagada…

Ironicamente, na época, eu era um escritor razoavelmente famoso – a não ser na biblioteca. Lembro-me de um colega certa vez notando numa enciclopédia o nome de um certo Jorge Luís Borges – um fato que o fez estranhar a coincidência de nossos nomes e datas de nascimento idênticos.[2]

Contudo, através de determinados conhecimentos será nomeado primeiro assistente da Biblioteca Pública Miguel Cané. Havia 53 funcionários e o poeta católico Francisco Luis Bernárdez, seu amigo, era o Diretor Geral das Bibliotecas Municipais. Para além de ler (sempre com dificuldade), classificava livros com um tal ritmo que os seus colegas bibliotecários se queixavam que qualquer dia deixariam de ter trabalho para fazer.

Posteriormente, em 1946, com a chegada de Juan Perón ao poder, e ao fim de nove anos Borges foi demitido da Biblioteca Miguel Cané, sendo nomeado segundo alguns biógrafos, inspetor das aves domésticas, ovos e coelhos num mercado da Avenida Córdoba. Uma despromoção que ficou a dever-se, veio Borges a descobrir, ao facto de ter apoiado aos aliados durante a guerra. Uma humilhação claramente perpetrada por Perón. Tornou-se então um anti peronista convicto, defendendo a civilização ocidental contra o nacionalismo xenófobo. Chamava a Juan Perón o monstro! Na realidade, a sua peça *Eu, Judeu*, foi a resposta pública a um ataque nacionalista anónimo, publicado na revista *Crisol* em 1934 que o insultava por esconder a sua identidade judaica.[3]

---

[2] Arquivo do British Council, 1963, ARG/320/80. In WOODALL, James - *Jorge Luís Borges, o Homem no Espelho do Livro*. Bertrand Brasil, 1999, p. 166.

[3] A década de 30 assistira à ascensão de uma direita antiliberal, pró-católica e "patriótica", que era tão anglofóbica quanto antissemita. Contudo, não existe qualquer dúvida quanto ao apoio de Borges aos Aliados numa Argentina pseudo neutral.

Resumindo, Borges foi afastado do seu cargo na biblioteca por motivos políticos. Esta despromoção, apesar de ter dado origem a versões mais polémicas por parte de alguns biógrafos (como aquela que referimos anteriormente) levou-o a tornar-se aos 47 anos, docente de Inglês e Literatura Norte-Americana na Universidade de Buenos Aires, até se reformar em 1968, continuando a fazer conferências até ao fim dos seus dias, sobre diversos temas, de Emerson a Dante, Swedenborg, o budismo, a cabala, Cervantes ou as sagas islandesas. Fazia as suas intervenções recorrendo apenas à sua memória prodigiosa, a sua paixão pelas matérias e a má visão, sem quaisquer notas ou suportes de apoio! Tinha um modo peculiar de falar, rouco e rápido que se tornou parte integrante da sua imagem pública. Um dos seus outros rostos. Porque era, é e continuará a ser sempre mais fácil ouvi-lo do que lê-lo.[4]

Em 1950, já uma figura de proa, Borges foi eleito presidente da Sociedade Argentina de Escritores, um bastião de luta contra o regime, instalado na mansão que pertencera à família de Victória Ocampo. Era um ponto de encontro, concedia prémios e incentivava a leitura.

É muito conhecido o célebre episódio de censura de Perón que bania e proibia livros estrangeiros, apoiando manifestantes de um movimento anti-intelectual que gritavam *Sandálias sim, Livros não*.

Quando Perón foi deposto por um golpe militar, em Setembro, de 1955, Borges fez a festa na rua onde gritou de alegria juntamente com outros anti peronistas. Perón acabou exilado em Espanha de Franco.

Em 1955 seria nomeado Diretor da Biblioteca Nacional da República Argentina e reintegrado como bibliotecário proposto pela amiga Victória Ocampo, no ano da sua cegueira definitiva. [5] Traduzido e publicado em todo o mundo atual, é dos gigantes da literatura, um mestre que formou muitos dos autores do chamado “boom latino-americano”, o que consolidou a sua fama e o consagrou.

[4] Ao longo das últimas décadas de 40, Borges escreveu e lecionou sob a ameaça de Perón, que fizera com ele fosse afastado da Biblioteca em 1946. Perón, admirador de Mussolini, chegou ao poder através de um golpe de Estado de 1943, apoiado pelos sindicatos e pelos pobres.

[5] A Biblioteca Nacional da Argentina já fora anteriormente dirigida, por duas vezes, por homens cegos; primeiro entre 1858 e 1871, pelo escritor José Mármol e depois, entre 1858 e 1871, por Paul Groussac, que Jorge Luís Borges muito admirava.

Faleceu em 1986, com 86 anos, em Buenos Aires depois de muitas estórias contadas e palavras palmilhadas…

Em 1988 foi criada a Fundação Internacional Jorge Luís Borges por Maria Kodema, última companheira do autor e com quem casou. Está situada em Buenos Aires, na casa de família entre 1938 e 1943. Aí escreveu *As ruínas circulares*. Para além das atividades que têm como objetivo a divulgação da obra de Borges, promove outras iniciativas culturais.

Obras Publicadas:

Fervor de Buenos Aires, 1923;

Lua defronte, 1925;

Caderno San Martín, 1929;

Evaristo Carriego, 1930;

Discussão, 1932;

História Universal da Infâmia, 1935;

História da Eternidade, 1936;

Ficções, 1944;

O Aleph, 1949;

Outras Inquisições, 1952;

O Fazedor, 1960;

O Outro, o Mesmo, 1964;

Para as Seis Cordas, 1965;

Elogio da Sombra, 1969;

O Relatório de Brodie, 1970;

O Ouro dos Tigres, 1972;

O Livro de Areia, 1975

A Rosa Profunda, 1975;

A Moeda de Ferro, 1976;

História da Noite, 1977;

Sete Noites, 1980;

A Cifra, 1981;

Nove Ensaios Dantescos, 1982;

A Memória de Shakespeare

Atlas, 1984;

Os Conjurados, 1985;

Prólogos com Um Prólogo de Prólogos, 1975;

Borges Oral, 1979;

Textos Cativos (da revista El Hogan), 1986

Biblioteca Pessoal. Prólogos, 1988

BREVE LEITURA HISTÓRICA DA OBRA
História Universal da Infâmia
Labirintos, máscaras e espelhos

Todo o labor intelectual é humorístico

BORGES, Jorge Luís - *História Universal da Infâmia*. p.7

História Universal da Infâmia é um pequeno livro de relatos, biografias, ficcionadas, de alguns dos maiores *infames* da história. É constituído por 8 histórias que incluem ladrões de cavalos, de homens, mulheres corsárias, gangsters, pistoleiros lendários, profetas, samurais caídos em desgraça. Quem não conhece o icónico *Billy the Kid*, o errante do deserto, *o cavaleiro cravado sobre o cavalo, o jovem das duras pistoladas que aturdem o deserto, o emissor de balas invisíveis que matam à distância, como um golpe mágico?*[6] Esta é uma daquelas figuras paradigmáticas que espelha bem o poder da ficção na construção e permanência de determinados mitos e lendas na nossa cultura. Uma figura cujas referências históricas são poucas e cuja vida é mais uma construção narrativa que não separa o real do imaginário. Já faz parte da memória coletiva que o alimenta contando e recontado a sua *estória*… Não é por acaso que esta biografia é escrita propositadamente para este livro. As edições mais recentes incluem o prólogo da primeira edição, de 27 de Maio de 1935 e da edição de 1954, ambos do nosso autor. Inclui ainda uma secção intitulada *Etcétera* com 3 novas peças.

Tal como foi referido anteriormente, estes pequenos relatos, estas *histórias barrocas*, foram escritos entre 1933 e 1934, para o Suplemento Literário da Revista *Crítica*, de que era coeditor.

Esta obra foi considerada durante muito tempo uma obra menor do nosso autor, tendo sido banida da sua bibliografia oficial. O próprio Borges desconsidera esta experiência ficcional chamando-a de "falsa, teatral e rebuscada". Uma das contradições que gostava de alimentar e que era característica da sua personalidade teatral e de jogo, revelando e ocultando. Tanto como o facto também muito comentado da resposta que dava de cada vez que o interpelavam na rua (ou outro lugar): "É o Senhor que é o Jorge Luís Borges?" E ele respondia "Às vezes". Contudo, e apesar de efetivamente ser um texto primevo, distante da maturidade do autor posterior, da década de 40, está longe de ser um texto menor. Será, certamente, mais uma das

[6] BORGES, Jorge Luís – *História Universal da Infâmia*. Alfragide: Leya, SA, 2009. p. 45.

enigmáticas brincadeiras literárias de Borges, contendo já o repositório narrativo fragmentado, lugar de muitos espelhos, que viria a constituir o seu discurso e que reflete, tanto quanto possível, esse labiríntico e inesgotável *eu Borgiano*.

Os doutores do Grande Veículo ensinam que o essencial do universo é a vacuidade. Têm plena razão no que se refere a essa mínima parte do universo que é este livro. Povoam-no patíbulos e piratas e a palavra infâmia desconcerta no título, mas sob os tumultos não há nada. Não é mais que aparência, que uma superfície de imagens; por isso mesmo pode agradar, talvez. O homem que o executou era bastante infeliz, mas divertiu-se a escrevê-lo; oxalá algum reflexo daquele prazer alcance os leitores.[7]

Estas *histórias barrocas* de 1935 são colhidas de uma bibliografia de fontes reconhecidas no final. Demonstram a natureza do Borges bibliotecário, anunciador já do carácter infinito e intricado da *Biblioteca de Babel* e da forma como consumia informação e devorava textos diversos, enciclopédias, mapas e outras coisas estranhas. Uma forma de matar o tempo e o seu quotidiano sossegado, imobilizado e sem magia. Esta sua erudição que trabalhava de forma metódica irá, incontestavelmente, construir o escritor. Por isso afirmou *ler, para já, é uma atividade posterior à de escrever: mais resignada, mais cortês, mais intelectual*.[8]

Apesar de erudito e fazendo justiça ao seu conhecido espírito irónico, irreverente e terrível, brinca com a sua própria erudição, desconsiderando-a. Diverte-se a elaborar listas, a condensar a vida numa frase ou numa descrição narrativa. Recorde-se que Borges levou seis anos a escrever a sua primeira história, *O Homem da Esquina Rosada*, dedicado à memória de um chefe da Mafia de Palermo, Nicolás Parede. Havia, portanto, um trabalho metódico de pesquisa e investigação. O que é a literatura senão o lugar de reelaboração das palavras dos outros? Textos sobre o mundo e a vida a que se acrescenta sempre mais uma linha: a nossa. As de Borges não eram só dele mas das muitas personagens que vivam dentro dele e cuja pele ia vestindo… Leitores de si mesmo e do *outro*!

---

[7] BORGES, Jorge Luís – *História Universal da Infâmia*. In prólogo da edição de 1954. Alfragide: Leya, SA, 2009.p. 8.

[8] BORGES, Jorge Luís – *História Universal da Infâmia*. In prólogo da primeira edição. Alfragide: Leya, SA, 2009.p. 5.

Por vezes creio que os bons leitores são cisnes ainda mais tenebrosos e singulares que os bons autores.[9]

No fundo, estas pequenas histórias são caricaturas, mas também homenagens e refletem o fascínio que exerciam sobre Jorge Luís Borges estes homens e mulheres duros, combativos e que vivam a vida real. Contrariamente ao escritor que vive pelos olhos dos outros.

Antes de nos determos numa análise mais atenta da obra, é importante traçar um pequeno percurso de contextualização literária da obra do autor.[10] Jorge Luís Borges faz parte da geração de escritores chamada a *nova narrativa latino-americana*. Muito do reconhecimento que é, atualmente, feito à literatura latino-americana é devido à produção literária após a década de 40. A publicação, em 1976, de *Cem anos de Solidão* que originou o *chamado boom da narrativa latino-americana*, deve ser tomada neste sentido como o ponto culminante de uma trajetória que antes e depois teve e continua a ter excelentes nomes e cujas fontes se encontram entre o melhor da tradição da modernidade.

Apesar de terem sido poucos os escritores a disfrutar do *boom* ele é o resultado de uma evolução segura e exigente, proposta pelos latino-americanos desde o início deste século. Recordemos que o Modernismo e, mais tarde, a Vanguarda se tinham encarregado de lançar as bases da renovação que as letras do século XX exigiam: a primeiro, fundamentalmente na poesia e a segunda no género narrativo. O Borges é inegavelmente um dos alicerces deste movimento.

A partir dos anos 40, boa parte da américa Latina iria viver em condições muito diferentes das precedentes: económica e socialmente, com uma progressiva prosperidade e a consequente modernização e estabilizações de países como o México, Venezuela e Argentina e, politicamente, com uma peculiar e característica radicalização – tanto entre as classes populares como entre as cultas – que teve na revolução cubana e no seu regimento comunista um dos maiores modelos. Essa radicalização afeta também o *boom*: disso é exemplo o facto e a melhor narrativa latino-americana atual, pelo menos em determinada altura, se ter

[9] BORGES, Jorge Luís – *História Universal da Infâmia*. In prólogo da primeira edição. Alfragide: Leya, SA, 2009.p. 5.

[10] Nesta breve contextualização literária do autor utilizamos os seguintes textos: IÁÑEZ, E - *História da Literatura. A Literatura Contemporânea depois de 1945*. Lisboa: Planeta Editora, 1995.

associado ao "realismo mágico", conceito nascido da tentativa de superar as formas do realismo debatidas na Europa.

Nesta perspetiva, o "realismo mágico", do qual se começa a falar nos anos 50, é o resultado literário da união da estética e da ideologia para captar, reproduzir e interpretar uma realidade cujos parâmetros diferem em tudo dos ocidentais. Uma realidade na qual confluem a história, o mito, a natureza e que, em boa parte, como reconheceram alguns dos seus cultores pressupõe uma fé, a aceitação do *real maravilhoso* como expressão da conciliação e de tradição e modernidade: de folclorismo, indigenismo e regionalismo mas também de culturalismo e de vanguarda, do sentimento ancestral da terra e das experiências de uma cultura aberta ao resto do mundo.

Jorge Luís Borges ocupa praticamente todo o século, ainda que a sua formação e perspetivas da vida leve a maior parte dos comentadores a incluí-lo na Vanguarda latino-americana. Humanista irreverente, a sua obra abrange diversos géneros. Contista, ensaísta, jornalista, professor de literatura, bibliotecário, foi também poeta! Das obras emblemáticas figura *Fervor de Buenos Aires* (1923) e a *Lua em Face* (1925) logo no início do seu percurso e mais tarde *O Fazedor* (1960), obra fundamental no conjunto dos seus textos.

Cidadão da mítica Buenos Aires, a cidade e seu fervor mágico, cheia de vida transparece nos seus textos. Desde a sua faceta mais cosmopolita ao lado periférico. Mas o Borges mais popular conhecido nos dias de hoje e que ganhou o estatuto de escritor universal *é o contador de estórias.*

História Universal da Infâmia é também um texto que conta a *estória* de outros. Neste caso *os outros* são alguns exemplos de homens e mulheres infames. *Infame* significa *o que tem má fama, que pratica atos infames, vil, torpe*. Não há, por isso, para ele credibilidade, honra ou aceitação. Porque a infâmia é sempre pública e depende do juízo moral de muitas pessoas e que concorrem para o mesmo julgamento cujas consequências é a censura, a separação e a punição. Daí ser possível afirmar que a *infâmia* é uma categoria social e um lugar discursivo do poder. Esse lugar discursivo implica uma catalogação, uma pesquisa, uma denúncia do corpo social, do coletivo. Por isso, as vidas infames são nomeadas quando entram em choque com o poder. Esta é a posição de autores como Foucault que se dedicaram a uma análise depurada

da arqueologia do saber e do exercício do poder. Não só em artigos como *A vida dos Homens infames*, mas, também, em textos como *Vigiar e Punir*.

*Vigiar e Puni*r é uma obra que fornece um testemunho importante acerca desta capacidade penetrante e transformadora que o poder utiliza nos corpos em que se exerce; denuncia todos os aparelhos e mecanismos que o poder desencadeia, por forma a, astuta e subtilmente, se apropriar dos indivíduos.

Por este motivo pensar o poder implica pensar a sua resistência. O poder nunca deixa de se exercer, ele não é dado, não é algo acabado, mas qualquer coisa que se faz continuamente, que se joga numa contínua luta de forças e provocação.

Dizer que as relações de poder não se identificam com a pura submissão e determinação, supõe admitir que elas resultam de relações de força. Assim sendo, o sujeito que se constitui como o objeto de um tal exercício é um sujeito cuja única determinação é a liberdade, é a possibilidade de reagir, de fugir, de escapar, um sujeito que se faz e refaz em função dos mecanismos do poder. A relação de poder que se estabelece entre dominador e dominado não é, por isso, algo acabado, fechado, mas algo que se joga e se constrói ininterruptamente.

Esta relação entre poder e resistência não deve ser perspectivada como uma relação de oposição, de separação e exclusão. Na realidade, resistindo, os sujeitos que se constituem como objeto do poder poderão ser considerados como o outro termo da relação. Todavia, o confronto entre poder e resistência não deve ser definido como uma batalha inevitável entre dois termos que são irredutíveis um ao outro. Trata-se de uma luta, de uma "batalha perpétua", é certo, mas é uma luta que não se reduz a termos que se excluem mutuamente, mas que vivem da provocação, do estímulo e desafio permanentes. Por esta razão, o que resiste nunca está numa posição de "exterioridade" relativamente ao poder, ele não é o "outro" sobre o qual os mecanismos de poder atuam. É por isso que, pensar o poder é pensar, inevitavelmente, a resistência a esse mesmo poder.

Uma das questões que emerge de todo este discurso é, justamente, a forma como o autor reflete sobre a natureza e essência do sujeito, da subjetividade e a maneira como ele articula essa problemática com a noção de poder. Afirmar que o poder é essencialmente produtivo, positivo, que gera e fabrica corpos através de uma ação, que se quer controladora e modificadora, é afirmar que os indivíduos nada mais são de que o resultado das tecnologias do poder.

Ainda que Foucault introduza, no seu pensamento, uma nova perspetiva de pensar a relação entre poder e resistência, ainda que afirme que o poder só se exerce sobre sujeitos livres, sujeitos que tem a possibilidade de assumir reações e comportamentos como resposta à violência do poder, a conceção de subjetividade que projeta é aquela que a reduz à pura subjugação, subjugação ao domínio exercido por todo um conjunto de estratégias que o poder utiliza.

O marginal, o infrator, o delinquente só o é na medida em que a lógica punitiva o cria e alimenta. A humanidade do homem não é, assim, descoberta da sua natureza (ainda que seja natureza de delinquente), mas o produto e a produção de uma deformidade controlada e coerente no quadro de uma certa economia do poder. A identidade do sujeito que habita as relações de poder não é algo que se crie a si mesmo, não é algo que seja dinâmico, ativo e racional. É algo que se limita a ser obediente, que esquece a sua capacidade, enquanto ser humano, de refletir criticamente, de pensar.

É certo que Foucault tem como objetivo principal desmontar uma noção de poder cuja função é, fundamentalmente, negativa, proibidora. Mas definir, ou melhor, fundamentar os mecanismos de poder em relações de força, relações de força essas que são constituídas por estratégias e táticas, por resistências, é estar a falar de domínio e sujeição, ainda que de um tipo diferente. Apesar de, na existência do delinquente, do infame, surgir sempre a possibilidade de fugir, de escapar ao poder que se exerce sobre ele, ela está sempre determinada por esse poder que o atravessa e o subjuga, e o leva a interiorizar a sua condição. E tanto mais é assim que ele luta sempre pela sua libertação nunca consumada, alimentando, ironicamente, o poder que se abate sobre ele.

Por isso *a infâmia* é também um espaço discursivo que se constrói, um lugar do exercício do poder que a silencia, censura e apaga. Esse espaço discursivo constrói uma catalogação que vai desde a denúncia coletiva dos atos vis de indivíduos infames até à caraterização da sua identidade, como uma *marca*, quer ela se faça pelo modo como age, se apresenta, fala ou vive.

As histórias dos *infames* que Borges nomeia e também ficciona têm esse sentido de revisitação, são o resultado das suas leituras e da forma como utiliza esse material, corporizando-o de forma literária.

A primeira edição, *História Universal da Infâmia* é composta por sete biografias: *Lazarus Morell*, ladrão de cavalos e homens; *Tom Castro, o impostor*; *A Viúva Ching*, uma corsária que abraça a sua condição e o legado do seu marido por vingança a uma traição; *O provedor de iniquidades Monk Eastman*; *O assassino desinteressado de Bill Harigan*, um retrato do lendário

Billy the Kid; *O grosseiro Mestre de Cerimónias Kotsuké no Suké*, *aziago funcionário que causou a degradação e morte do senhor da Torre do Ako e não quis acabar consigo como um cavalheiro quando a apropriada vergonha o intimou*[11]; *O tintureiro mascarado Hákim de Merv*, o profeta velado. *O Homem da Esquina Rosada* é uma biografia totalmente inventada.

Estas histórias resultam das inúmeras pesquisas que fazia e que cita no final da obra com uma lista de referências bibliográficas que servem de suporte à ficção. Um jogo característico da produção literária de Borges e que também denunciava não só a sua condição de escritor ficcional, mas, também, a sua condição de bibliotecário, de investigador e de jornalista. É um processo do escritor *míope*, quase cego que tomando como ponto de partida o relato histórico destas personagens denuncia pequenas lacunas e constrói ecos da sua humanidade.

Talvez um dos casos mais paradigmáticos deste pequeno livro seja *Bill Harrigan* ou *Billy the Kid*, o lendário pistoleiro que muito provavelmente é mais o resultado do que a memória construiu sobre ele do que a realidade deixou revelar…

Cerca de 1859 o homem que para terror e a glória seria Billy the Kid nasceu num bordel subterrâneo de Nova Iorque. Dizem que o pariu um fatigado ventre holandês, mas criou-se entre negros. (…) Praticava o orgulho de ser branco; também era enfezado, arisco, grosseiro. Aos doze anos militou na pandilha dos Swamp Angels (Anjos do Pântano), divindades que atuavam entre os esgotos.[12]

Dessa feliz detonação (aos catorze anos de idade) nasceu Billy the Kid, o Herói, e morreu o furtivo Bill Harrigan. O rapazola dos esgotos e das mocadas na cabeça ascendeu a homem da fronteira. Fez-se cavaleiro: aprendeu a firmar-se direito sobre o cavalo, à maneira do Wyoming ou de Texas, não com o corpo lançado para trás, à maneira do Oregon ou da Califórnia. Nunca foi completamente parecido com a sua lenda, mas foi-se aproximando.[13]

[11] BORGES, Jorge Luís – *História Universal da Infâmia*. Alfragide: Leya, SA, 2009.p. 51.

[12] BORGES, Jorge Luís – *História Universal da Infâmia*. Alfragide: Leya, SA, 2009.p. 45-46.

[13] BORGES, Jorge Luís – *História Universal da Infâmia*. Alfragide: Leya, SA, 2009.p. 48-49.

Jorge Luís Borges,
O Minotauro

Não restará na noite uma só estrela.
Não restará a noite.
Morrerei e comigo irá a soma
Do intolerável universo.
Apagarei medalhas e pirâmides,
Os continentes e os rostos.
Apagarei a acumulação do passado.
Farei da história pó, do pó o pó.
Estou a olhar o último poente.
Oiço o último pássaro.
Lego o nada a ninguém.

BORGES, Jorge Luís. *O suicida. In Obras Completas III 1975-1985*. s.l: Editorial Teorema, 1998. p.88

O Minotauro, de George Frederick Watts (1885)

É conhecida a sugestiva metáfora de Borges como o *Minotauro*. Uma criatura fechada dentro do labirinto de si próprio, só e imóvel que anseia ser descoberta, morta e libertada por Teseu. Liberta do peso do seu próprio autismo, do seu fechamento. Este retrato autobiográfico surge, mais tarde, num pequeno conto chamado *A Casa de Astérion*. Este pequeno conto foi inspirado por uma pintura de 1885 de G. F. Watts, representando o *Minotauro* a contemplar

com tristeza a cidade que escurece. Uma *criatura* que se detestava a si mesmo e que sonhou continuamente com *labirintos, máscaras e espelhos*, exorcizando este desprezo por si próprio nas inúmeras narrativas que inventou. Mesmo a fama que granjeou o aborrece. Gostava de se perder na cidade de Buenos Aires, apoiado na sua bengala e apreciava as coisas simples da vida. Foi sempre frugal. Segundo alguns estudiosos tentou o suicídio algumas vezes. Teve uma vida amorosa instável e encontrou algum apoio nas amizades literárias que foi fazendo, a mais emblemática de todas já anteriormente referida Adolfo Bioy Casares, uma influência incontornável.

Talvez uma das obras que melhor retrate este homem seja *A Biblioteca de Babel*, um sonho ou pesadelo de quem muitas vezes foi assaltado pela *insónia*. Na opinião de alguns comentadores e biógrafos, *a insónia* e os pesadelos eram devidos àquele fatídico acidente que lhe afetou a visão e a saúde. Esteve entre a vida e a morte durante semanas, delirando com febre. A própria mãe afirmou que com este acontecimento algo se tinha transformado no seu cérebro. Deixou cicatrizes profundas no seu corpo e no seu espírito. Nas palavras de Harold Bloom, se Jorge Luís Borges tivesse morrido naquela altura teria permanecido um ilustre desconhecido.

A Biblioteca de Babel espelha também essa melancolia que o assolava e o encarceramento de que padecia. Não podemos esquecer que a caracterização comum do ambiente de uma Biblioteca é o silêncio absoluto, conventual. Os livros e mais particularmente as Bibliotecas representaram sempre o símbolo de uma diáspora, contendo o reservatório do saber. Durante a Idade Média as Bibliotecas eram lugar escondidos, labirínticos, vedados ao olhar do cidadão comum, normalmente ligadas às instituições religiosas como Abadias ou Mosteiros. Os livros que neles existiam estavam apenas acessíveis ao olhar do religioso, do bibliotecário e do seu auxiliar. A Biblioteca descrita no romance **O Nome da Rosa**, de Umberto Eco (por exemplo, uma adaptação de *A Biblioteca de Babel*) apresenta-se-nos como símbolo de uma Igreja conservadora, mestra desconfiada e receosa que obstrui o conhecimento de determinadas doutrinas e que pretende impedir qualquer progresso intelectual e material, com o objetivo de manter o seu domínio sobre o mundo. A mente que rege a biblioteca-labirinto da Abadia transforma-a "num lugar onde os segredos permanecem encobertos" e não um meio para revelar os segredos da natureza e da História tendo em vista o bem-estar material ou natural da humanidade. O livro proibido deste enredo relatado por Eco é a **Poética** de Aristóteles, mais concretamente, o segundo livro dedicado à comédia e ao riso e à sua função libertadora e catártica. O riso derrota o inimigo e erradica o medo. Irónica e paradoxalmente não se pode

também esquecer o papel dos copistas na preservação dos grandes clássicos e nos livros que chegaram até nós graças ao seu trabalho precioso. É o caso de Platão e Aristóteles, mas, também, de muitos outros.

Por último, esta *Biblioteca de Babel* é, igualmente, uma ampliação do universo da Biblioteca Municipal onde trabalhou. Neste conto Borges nada mais faz do que brincar com a ideia de enciclopédia, da totalidade dos mundos, dos caminhos e das leituras possíveis, evidenciando os seus paradoxos. Uma metáfora de solidão, de incontáveis livros ilegíveis, escritos em línguas e códigos inimagináveis. O homem erudito, o escritor contraditório, mestre na arte da narrativa mas para quem a verdade não se encontra nas palavras.

O universo (que outros chamam a Biblioteca) é constituído por um número indefinido e talvez infinito, de galerias hexagonais, com vastos poços de ventilação ao centro, cercados por varandas baixíssimas. De qualquer hexágono, veem-se os pisos inferiores e superiores: interminavelmente.[14]

Conclusão

História Universal da Infâmia, apesar de ser o texto inicial do seu percurso pela narrativa, que marca a transição entre a poesia e a prosa ficcional, contém já o aspeto seminal desta *verdade*. Não só por ser o resultado do Borges investigador, bibliotecário, leitor dos outros e de si mesmo, mas também por constituir um exercício lúdico, *de ver a vida pelos olhos de outrem*, já que a sua padecia de um sedentarismo crónico. No caso, a vida dos homens e mulheres *infames*, aqueles que viviam intensamente e eram agentes de ação, intervindo na história e deixando uma marca, boa ou má!

Uma da razões que nos levou a escolher este livro reside no facto de, durante muito tempo, a *História Universal da Infâmia* se manter excluída da bibliografia oficial do autor. Um livro, por isso, censurado, filtrado pelo olhar da crítica para não manchar a reputação imaculada deste autor maior da literatura universal. Seria exemplo de um Borges literariamente menor, um exercício principiante da arte da narrativa.

[14] BORGES, Jorge Luís Borges – *A Biblioteca de Babel*. Lisboa: Edição Livros do Brasil, p. 83.

Na altura em que este livro é editado, Jorge Luís Borges já era um nome respeitado como poeta e ensaísta literário. Não é, de facto, um exemplo paradigmático de proibição, mas sim um livro polémico. Basta versar sobre esse lugar histórico e de categoria social que é a *infâmia*. Todavia, importa referir que foi alvo de episódios de censura em Portugal. Figura numa lista de 900 livros censurados pela polícia política do Estado Novo, elaborada por José Brandão e publicada pelo Expresso em 2012.

Mas acima de tudo, é uma obra em que o nosso autor afirma a sua natureza barroca e excessiva, onde já brinca com a sua própria erudição e com a sua condição de leitor e pesquisador. Atenuar esta natureza barroca teria equivalido a destruí-la; por isso prefere invocar a famosa sentença de Pilatos *quod scripsi, scripsi* (João, 19:22), *o que escrevi, escrevi*.

Falar desse *infames* que foram resultado de muitas circunstâncias, contribuiria não exatamente para procurar a aceitação social (essa teve-a de uma forma ou de outra), mas para tentar encontrar a aceitação de si mesmo. Porque muito do que somos é construído por outros… Com mais ou menos verdade, com mais ou menos perversidade!

Por isso nada melhor do que terminar este texto com as palavras do espectro de Tom Castro…

Tom Castro era o fantasma de Tichborne, mas um pobre fantasma habitado pelo génio de Bogle. Quando lhe disseram que este morrera, aniquilou-se. Continuou a mentir, mas com um entusiasmo escasso e contradições disparatadas. Era fácil prever o fim.
A 27 de Fevereiro de 1874, Arthur Orton, por alcunha Tom Castro, foi condenado a catorze anos de trabalhos forçados. Na prisão tornou-se querido; era o seu ofício. O seu comportamento exemplar valeu-lhe uma aministia de quatro anos. Quando essa hospitalidade final o deixou – a da prisão – percorreu as aldeias e os centros do Reino Unido, pronunciando pequenas conferências em que declarava a sua inocência ou afirmava a sua culpa. A sua modéstia e o seu anseio de agradar eram tão duradouros que em muitas noites começou por defender-se e acabou por confessar, sempre de acordo com as inclinações do público. Morreu a 2 de Abril de 1898.[15]

[15] BORGES, Jorge Luís – *História Universal da Infâmia*. Alfragide: Leya, SA, 2009.p. 27-28.

ALGUMAS PISTAS DE DISCUSSÃO E EXPLORAÇÃO DA OBRA

1. *História Universal da Infâmia* é um pequeno livro de relatos biográficos de algumas *personagens infames* que fazem parte da nossa memória coletiva. Que personagens são essas e de que forma são apresentadas no livro?

2. Um dos relatos mais paradigmáticos deste texto é *O Homem da Esquina Rosada*, uma história totalmente inventada. Qual a relação desta pequena biografia com a chamada *argentinidade* de Borges?

3. A primeira edição desta obra data de 1935 e era o resultado da compilação de relatos publicados num suplemento literário. Que suplemento era esse e qual a sua importância na carreira literária de Jorge Luís Borges?

4. *História Universal da Infâmia* teve mais que uma edição e a compilação atual que conhecemos não corresponde à primeira edição do livro. Quais as biografias que faziam parte desta primeira edição?

5. Quem é Bill Harrigan? Qual a relação com o lendário *Billy the Kid*?

6. De que forma é que a *infâmia*, como categoria social, é uma construção discursiva e o lugar do exercício do poder?

7. Que paralelo é possível estabelecer entre a leitura do conceito de *poder* de Foucault e Jorge Luís Borges?

8. Qual o significado da metáfora Borgiana do *Minotauro*? Em que obra do nosso autor se encontra explanada?

9. São conhecidos os problemas de visão que caracterizaram toda a vida pessoal e literária de Borges. De que forma é que a *miopia* e mais tarde *a cegueira* o determinaram como leitor e escritor?

10. Que influência teve o Borges bibliotecário no Borges escritor?

11. Que tipo de *censura* foi exercida sobre Jorge Luís Borges, no tempo de Péron? De que forma é que o nosso autor reagiu a ela e que postura assumiu? Quais os textos que representam esta fase?

12. Não existe apenas um Borges, mas vários com roupagens diferentes. Quais as características e as obras que melhoram representam a identidade labiríntica e fragmentada do nosso autor?

BIBLIOGRAFIA

Obras disponíveis na Rede das Bibliotecas Municipais de Oeiras

1. De Jorge Luís Borges

BORGES, Jorge Luís – *A memória de Shakespeare*. Lisboa: Vega, 2002. 86 p.
Local: Biblioteca Municipal de Oeiras
Cota: OUT-GEN OUT-GEN-EST BOR

BORGES, Jorge Luís – *Poemas Escolhidos*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1985. 95 p.
Local: Biblioteca Municipal de Oeiras
Cota: POE POE-EST BOR

BORGES, Jorge Luís – *O Fazedor*. Lisboa: Difel, 1984. 137 p.
Local: Biblioteca Municipal de Oeiras
Cota: POE POE-EST BOR

BORGES, Jorge Luís – *Nove Ensaios Dantescos*. Lisboa: Editorial Presença, 1984. 94 p.
Local: Biblioteca Municipal de Oeiras e Carnaxide
Cota: OUT-GEN OUT-GEN-EST BOR

BORGES, Jorge Luís – *Novas Inquirições*. Lisboa: Querco, 1983. 227 p.
Local: Biblioteca Municipal de Oeiras
Cota: OUT-GEN OUT-GEN-EST BOR

BORGES, Jorge Luís – *O livro de areia*. Lisboa: Estampa, 1983. 143 p.
Local: Biblioteca Municipal de Algés e Oeiras
Cota: C&N COM-NOV-EST BOR; DEP 11693

BORGES, Jorge Luís – *O Aleph*. Lisboa: Estampa, 1982. 150 p.
Local: Biblioteca Municipal de Oeiras
Cota: OUT-GEN OUT-GEN-EST BOR; DEP 4776

BORGES, Jorge Luís – *História Universal da Infâmia*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1982. 117 p.
Local: Biblioteca Municipal de Algés e Oeiras
Cota: C&N CON-NOV-EST BOR

BORGES, Jorge Luís – *História Universal da Infâmia*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1982. 117 p.
Local: Biblioteca Municipal de Algés e Oeiras

Cota: C&N CON-NOV-EST BOR

BORGES, Jorge Luís – *O relatório de Brodie*. Amadora : Editorial Bertrand, 1981. 143 p.
Local: Biblioteca Municipal de Oeiras
Cota: C&N CON-NOV-EST BOR

BORGES, Jorge Luís – *Fictions*. Paris: Gallimard, 1974. 186 p.
Local: Biblioteca Municipal de Oeiras
Cota: DEP 16533

BORGES, Jorge Luís – *Ficções*. Lisboa: Livros do Brasil, 1969. 195 p.
Local: Biblioteca Municipal de Oeiras
Cota: OUT-GEN OUT-GEN-EST BOR; DEP 11630

2. Obras consultadas

IÁÑEZ, Eduardo - *História da Literatura. Literatura contemporânea até 1945*. Vol. 8 e 9. trad. SOARES, Fernandes. Vol. 8. Lisboa: Planeta Editora, 1999.
Local: Biblioteca Municipal de Oeiras
Cota: CRI-LIT HIS-LIT IAN

WILSON, Jason – *Jorge Luís Borges*. trad. GUIMARÃES, Helena. Porto: Fio da Palavra, 2006.
Local: Biblioteca Municipal de Oeiras
Cota: CRI-LIT EST-LIT-EST WIL

WOODWALL, James – *Jorge Luís Borges. O Homem no Espelho do Livro. Biografia*. trad. FERNANDES, Fábio Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
Local: Biblioteca Municipal de Oeiras
Cota: CRI-LIT EST-LIT-EST WOO

3. Bibliografia Complementar

FERNÁNDEZ FERRER, António – *Ficciones de Borges en las galerias del labirinto*. Madrid: Cátedra, 2009. 527 p.

GIL GUERREIRO, Hermínia – *Poética narrativa de Jorge Luís Borges*. Madrid: Ibero-americana, 2008. 191 p.

CHACON, Vamireh – *Jorge Luís Borges: nacionalista e cosmopolita*. In Cultura, revista de História e Teoria das Ideias. Lisboa, 2006. 135 p.

FERNANDES, Maria da Penha Campos – *Jorge Luís Borges: la alegoria irónica y los sentidos de la história. Um manual de iniciação*. Porto: Ecopy, 2005. 187 p.

LEFERE, Robin – *Borges: entre o autoretrato e automitografia*. Madrid: Gredos, 2005. 200 p.

SELECÇÃO DE WEBSITES

http://www.fundacionborges.com.ar

http://www.ilovelibraries.org/booklovers/bookclub/bookclub

http://www.readinggroupguides.com

Ficha técnica

Projeto

Câmara Municipal de Oeiras

Divisão de Bibliotecas, Documentação e Informação

Guião de Leitura

Capa: GC – Gabinete de Comunicação| Vera Alves

Elaboração: DBDI| Biblioteca Municipal de Oeiras| Ana Paula Jardim